

**VISÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO SOBRE A DISCIPLINA NUMA ESCOLA PÚBLICA DE ASSIS-SP.** Luiz Bosco Sardinha Machado Júnior, José Luiz Guimarães – Ciências Humanas – Psicologia – Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

A Escola a partir do Iluminismo passa a ser vista como meio para o Homem superar o obscurantismo dos dogmas e superstições, da aristocracia e do clericalismo, e alcançar o *Aufklärung*, as luzes da Razão, possibilitando a ele vivenciar os ideais democráticos. (VASCONCELOS, 1998, p. 94).

O antigo modelo do aprendiz de ofício e dos liceus religiosos foi sendo superado por um modelo laico, republicano, que visava a alfabetização, a formação superior das elites, a criação de uma identidade nacional e, mais tardiamente, a capacitação de mão-de-obra para a indústria entre a população de baixa renda (ENGUITA, 1989, p.130).

O diagrama de poder disciplinar, cujo surgimento não está ligado diretamente a um modelo político-econômico, ganha força nesse contexto, visto as práticas disciplinares rapidamente serem percebidas como úteis para tal modelo. A escola torna-se um dos lugares mais proeminentes em termos de desenvolvimento e uso da tecnologia disciplinar, e tal caráter torna-se o paradigma de escola moderna, presente até hoje.

As salas passaram a ser em tamanho reduzido, com os alunos dispostos em fileiras, a fim de que o mestre não perdesse de vista cada movimento deles, para “domar-lhes o caráter”(idem, p.146). Horários eram calculadamente dispostos a fim de não haver desperdício de tempo; o espaço físico, ordenado de maneira a classificar os alunos conforme seu grau de aprendizagem. Institui-se um regime de recompensas e punições, classificando os alunos, dispondo-os em espaços onde convivessem aqueles que se encontravam em graus de aprendizagem o mais semelhante possível. Os exercícios alcançavam a escala do microfísico, valorizando cada posição, cada movimento, dentro de uma economia dos gestos que visava a maior *rentabilidade* possível das tarefas, que, para tal, deveriam seguir um *padrão*.

Utiliza-se o adestramento dos corpos, a todo instante submetidos a “um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente” (FOUCAULT, 1977, p.120). Entram em vigor o uniforme, o hino, o brasão - toda uma heráldica da disciplina que visa deixar claro aos alunos onde eles se encontram, de tal maneira que o disciplinador acabe por ser ele mesmo.

As punições visavam “menos a vingança da lei ultrajada que sua repetição, sua insistência redobrada” (idem, ibidem, p. 200). Os alunos considerados “rebeldes, insubmissos, desordeiros” e aqueles que não executavam as tarefas com perfeição, eram submetidos a exercícios disciplinares, como a prática da cópia, da sabatina, das penitências e da privação do recreio para cumprimento de tarefas extras; os castigos corporais também eram praticados, dentre eles a palmatória, o açoite, o cárcere e a vara; ainda que a preferência dos educadores fosse pelos primeiros, alegava-se que sem os últimos os alunos iriam tornar-se rebeldes e poderiam levar a escola à ruína (CARON, 1996, p. 317).

As técnicas de normalização e normatização desenvolvem-se particularmente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, quando surge a pedagogia científica ou experimental, no contato entre o saber educacional e as ciências positivas. É a renovação do método e conteúdo “pela adoção do paradigma científico” (CAMBI, 1999, p. 448). A educação insere-se numa tecnologia do corpo onde atuam os detentores do saber: o psicólogo, o assistente social, o psiquiatra, o pedagogo, toda uma maquinaria de normatização que dá sustentação ao proceder institucional.

As crianças e jovens ao entrarem na escola submetiam-se a uma série de exames e mensurações, visando “(...) enquadrar o indivíduo no tipo e ler nos corpos sinais que uma ciência determinista constituía como índices de *normalidade*, *anormalidade* ou *degeneração*” (CARVALHO, 1999, p. 273). Identificados, seriam submetidos à disciplina específica conforme o caso, visando a correção e modificação dos últimos através de “métodos especiais”. Esses estudos eram embasados nas teses eugenistas e higienistas que influenciaram fortemente a Educação e ampliam o alcance de sua normatização – não se trabalha mais apenas o conteúdo intelectual, mas também higiene, nutrição, moral etc.

No século XX, uma nova forma de sociedade, já presente no modelo disciplinar e supondo-o, ganha contornos: a *sociedade de controle*, conforme Deleuze (1992), que aponta a sociedade encontrar-se numa crise de “todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família”. (220) O controle sobre os corpos não se dá mais nos espaços fechados; exerce-se através de “formas ultra-rápidas de controle *ao ar livre*, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema *fechado*” (idem, 221 [grifos meus]). A disciplina exerce seu poderio de forma descontínua, onde a cada instituição em que se ingressa tem de se recomençar. No modelo do controle, “nunca se termina nada”, a formação é contínua e ininterrupta, mudando continuamente (idem, ibidem). O grande instrumento de controle social é o marketing, mantendo esse controle dentro de uma lógica de curto prazo e alta rotação, contínuo e ilimitado, diferentemente da disciplina, com sua atuação prolongada, porém descontínua.

O poder espalha-se por todo terreno social, indo para além dos espaços tradicionais de exercício do poder disciplinar, atuando através da *sedução*, sob o disfarce do livre-arbítrio, submetendo o sujeito a uma dívida impagável, onde terá de estar sempre submetendo-se às ferramentas de controle para conseguir *aquilo que quer* – que também é fruto desse mesmo poder (idem; cf. também PRATA, 2005, p. 192).

A *senha* vem substituir a *cifra*, o número de matrícula, controlando o acesso a lugares e a *informações*. A *motivação* toma o lugar das palavras de ordem, o treinamento se dá agora através dos *estágios* e da *formação permanente*. Configuram-se “... formas de controle contínuo, avaliação contínua, (...) a introdução da 'empresa' em todos os níveis de escolaridade” (id., 225).

As novas tecnologias de gestão dos corpos parecem entrar em conflito com as tecnologias disciplinares, trazendo à tona questionamentos quanto ao conceito de disciplina escolar e quanto à práxis educacional. A autoridade centrada em uma instituição e na figura do professor aparentemente é um conceito demasiado antiquado para o modelo do controle, que dispersa o poder por toda uma rede de tecnologias independentes de um poder central. Coloca-se em xeque o conceito de *disciplina*, inadequado para a “nova sociedade” onde os pequenos atos que antes eram vistos como transgressão por escaparem da “malha fina” da disciplina agora perdem parte de sua importância (PRATA, 2005, p. 193).

Colhe-se a impressão de que os profissionais da educação constroem práticas perdidas entre flexibilidade e rigidez disciplinar, embalados por um discurso vacilante entre defender e atacar o “novo”(GONÇALVES, 2003, p. 130); a escola tenta integrar as tecnologias do controle sem abrir mão completamente dos velhos mecanismos disciplinares. Os alunos “já não respeitam limites” por estes não serem mais nítidos e centralizados, tendo se tornado fragmentados e em constante mutação; ingressam numa escola pautada por uma “ordem arcaica”, dissonante do modelo de sociedade no qual estão inseridos (PRATA, 2005, p. 192).

Assim, neste trabalho busca-se conhecer um pouco mais como esse aluno, inserido na sociedade de controle, se posiciona em uma instituição ainda pautada pelo modelo disciplinar. Tentando-se ir além das respostas mais comumente encontradas, como “aumento da indisciplina”, “perda de limites”, “carência afetiva”, “crise da família” etc., procura-se aqui vislumbrar como o aluno tem se relacionado com esse modelo educacional e problematizar a pertinência em se repensar esse modelo. Tenciona-se, assim, conhecer as relações do *sujeito educacional* onde elas se dão – na escola – evitando interpretações de caráter exógeno, psicologizante ou sociologizante, sem deixar de lado a genealogia desse sujeito e da instituição (NEGRÃO; GUIMARÃES, 2005, p. 415).

A pesquisa está sendo realizada com base em dois procedimentos: 1) Observações no local, acerca das práticas disciplinares e análise de legislação, da Unidade Escolar e do Ensino Estadual, sobre o assunto, incluindo o Livro de Ocorrências da Unidade; 2) Entrevistas com alunos do Ensino Médio usando a técnica de *grupo focal*. O local é uma escola pública de ensino fundamental e médio da cidade de Assis-SP, localizada em bairro periférico, que contava, em 2005, com 287 alunos de Ensino médio, distribuídos em 11 turmas nos períodos matutino e noturno, com uma média de 26 alunos por sala (dados colhidos na Diretoria Regional de Ensino). Pretende-se, através de Amostra Aleatória Estratificada, entrevistar-se alunos de diversas idades, de todos os períodos e de ambos os sexos.

Para entrevistar os sujeitos, está sendo utilizada a técnica de *Grupo Focal*, que consiste em reunir um número adequado de sujeitos (cerca de doze) e submetê-los a entrevista semi-dirigida, convergindo para um tema proposto. Essa metodologia foi escolhida por possibilitar a coleta de dados objetivos e, o

mais importante, subjetivos, fornecidos pelos entrevistados (TUCATO, 2003:313), mediante perguntas e materiais relativos ao assunto colocados pelo entrevistador (jornais, revistas etc.), sem que este, no entanto, delimite discussões muito estritas (COTRIM, 1996:290). O fato de trabalhar-se com um grupo enriquece o conteúdo da entrevista, possibilitando o acréscimo de informações que um indivíduo isolado talvez não pudesse expressar com suficiente clareza, o surgimento de antagonismos presentes no grupo etc.

A legislação sobre o assunto está sendo analisada segundo o método da análise documental, levantando correlações, antagonismos e particularidades significativas dos documentos entre si e destes com o discurso dos entrevistados.

O material gravado nos grupos focais está sendo transcrito e analisado, observando-se no discurso dos sujeitos a articulação de suas idéias em torno do tema principal e de temas secundários que possam surgir, bem como suas reações, atitudes, problemas e soluções apontados. Será buscado o conhecimento da construção de seus conceitos, dentro do contexto em que vivem (AGUIAR, 2002, p. 132).

Os sujeitos foram informados previamente do teor da pesquisa e de seu conteúdo, sobre as entrevistas e o uso a que elas se destinam. Será preservado em todo o processo o anonimato dos entrevistados e o nome da instituição escolar também não será informado.

Até o momento, foram realizadas seis observações, três no período matutino, três no período noturno, nos intervalos das aulas, de maneira assistemática. Pode-se observar a presença de mecanismos disciplinares, como o *sinhal sonoro*, controlando a hora para se ir ao intervalo e para retornar às aulas; a vigilância constante do *bedel* ou inspetor de alunos, acompanhado, em quatro ocasiões observadas, pelo diretor ou pela coordenadora pedagógica; a *divisão por idade*: os alunos do Ensino Fundamental não vão ao intervalo no mesmo horário que os alunos do Ensino Médio; a obrigatoriedade do *uniforme*.

Observar a existência de tais elementos não constitui novidade, já estão naturalizados no funcionamento da instituição, corroborando o que se apontou: a escola ainda é uma instituição eminentemente disciplinar (PRATA, 2005, p. 190). O mais substancial é o contato com o *como* os alunos lidam com esses mecanismos.

Até agora, foram submetidos a entrevistas 24 alunos do Primeiro Ano do Ensino Médio, com idades entre 14 e 17 anos, do período Matutino, de ambos os sexos. Duas perguntas nortearam as entrevistas: o que era a escola para eles e qual o papel deles ali.

A escola é encarada a partir de basicamente dois pontos de vista, ambos em torno do tema “para que serve”; alguns alunos apontam a escola como de importância para seu futuro profissional; outros, como inútil, “perda de tempo”, visto ela não os preparar para o mercado de trabalho. Predomina o discurso de que a escola é um lugar “aborrecido”, onde são obrigados a participar de atividades desinteressantes, “lentas” ou “paradas”. Preferem a prática de esportes, assistir filmes ou o contato com os computadores; gostariam de “fazer coisas diferentes”.

O tema da disciplina/indisciplina surgiu sem necessidade de interpelação: alguns alunos reclamam da “bagunça” que os impossibilita de participar das aulas; contudo, afirmou-se também que “se o professor é ruim, aí a bagunça é geral mesmo”. Por professor ruim, entendem aquele que impõe disciplina severa ou aquele que passa o conteúdo de maneira maçante.

Quanto ao papel de cada um na escola, apresentaram primeiramente, em consenso, o “chavão” do estar ali para aprender, ter um futuro melhor etc.; seguiu-se então discursos tais como “estar ali apenas para passar o tempo”. “para sofrer”, “para satisfazer os pais”, “ver os amigos”, “jogar futebol” etc.

Destes primeiros resultados, pode-se fazer algumas considerações: os alunos parecem se encontrar em dissonância com a velocidade do *modus operandi* disciplinar, com sua didática lenta, baseada na exposição oral de conteúdos e no exercício repetitivo. Não somente o cerceamento disciplinar os incomoda, mas a *lentidão* e a constante *repetição* das situações, dos mecanismos e dos discursos na instituição.

Existe o flagrante descompasso da escola com relação às tecnologias midiáticas (a unidade possui apenas uma televisão equipada com um videocassete e uma sala com dez computadores, que fica trancada, podendo ser utilizada somente com a presença de um professor), percebido pelos alunos, que, acostumados com esses instrumentos em seu dia-a-dia, demandam seu uso também na escola. A

pedagogia baseada em aulas expositivas e no “giz-e-lousa” perde na competição com o ritmo dos *dvds* e da *Internet*. São sujeitos da “cultura zap”, acostumados a alta velocidade de informações e a possibilidade de se passar de um campo discursivo ou de atividades para outro quando bem entendem (SILVA, 2003, p. 44). A indisciplina revela-se então como alternativa a esse cotidiano *lento* da escola.

Parece estar-se diante do sujeito imerso na sociedade de controle, acostumado às formas ultrarápidas de comunicação, controle e subjetivação. Um sujeito para quem o espaço fechado disciplinar é sufocante, e os rituais da disciplina são lentos e sem valor. Um aluno acostumado com o sistema de consumo, onde aquilo que lhe aborrece deve ser descartado.

Tais conclusões não são definitivas. As tecnologias do controle estão em pleno processo de construção e inscrição na sociedade, o que dificulta uma visão um pouco mais clara sobre o quadro. O que foi problematizado até agora aponta direções para onde nossa pesquisa e outras podem seguir para lançar luz a essas questões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, W.M. (2002) “A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica”. In: BOCK, A.M.B. e FURTADO, O. (org.) Psicologia Sócio-Histórica. São Paulo, Arte e Ciência Editora.
- CAMBI, F. (1999) História da Pedagogia. São Paulo, Editora da UNESP.
- CARON, J.C. (1996) “Os jovens na escola: os alunos de colégios e liceus na França e na Europa”. In: LEVI, G. e SCHMITT, J.C. (org.). História dos Jovens. São Paulo, Companhia das Letras.
- CARVALHO, M.M.C. (1997) “Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas”. In: FREITAS, M.C. (org.) História Social da Infância no Brasil. São Paulo, Cortez Editora.
- COTRIM, B.C. (1996) “Potencialidades da técnica qualitativa *grupo focal* em investigação sobre abusos de substâncias”. In: Revista Saúde Pública, 30 (3), págs. 285-293.
- DELEUZE, G. (1992) “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: Conversações. Rio de Janeiro, Editora 34.
- ENGUITA, M.F. (1989) A face oculta da escola. Porto Alegre, Artes Médicas Sul.
- FOUCAULT, M. (1977) Vigiar e Punir. Petrópolis, Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1999) A Verdade e as Formas Jurídicas. Rio de Janeiro, Editora Nau.
- GONÇALVES, N.G. (2003) Educação: as falas dos sujeitos sociais. São Paulo, Martins Fontes.
- NEGRÃO, A. V. G.; GUIMARÃES, J. L. (2006) “A Indisciplina e a violência escolar”. In: PINHO, S. Z.; SAGLIETTI, J. R. C. (Org.). Núcleos de Ensino, Vol. 1, p.403 – 420. São Paulo, UNESP. [On line] Página da Internet: <<http://www.unesp.br/prograd/nucleo2006/index.php>>
- PRATA, M.R.S. (2005) “A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade”. In: Revista Brasileira de Educação, no. 28, p. 108-195.
- SILVA, N.P. (2003). Ética, indisciplina e violência nas escolas. Assis, Gráfica da FCLAs.
- TURATO, E.R. (2003) Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa. Petrópolis, Ed. Vozes.
- VASCONCELOS, M.S. (1998) “Relações entre o movimento da Escola Nova e a Psicologia: Estratégias de modernização no contexto educacional brasileiro”. In: JUSTO, J.S.; SAGAWA, R. Y. (org.) Rumos do Saber Psicológico. São Paulo, Arte e Ciência.